

Jürgen Habermas

Da linguagem à democracia: aquilo que temos em comum

Sofia Miguens (Universidade do Porto)

Jürgen Habermas foi um dos nomes maiores da filosofia europeia. Perdendo-o perdeu-se alguém que fazia filosofia com uma ambição ampla hoje quase inexistente. Habermas foi confrontado enquanto adolescente com a história viva do nacional-socialismo; a experiência da desumanidade coletiva do seu país marcou-o definitivamente. Compreender a possibilidade dessa experiência tão radicalmente distinta dos ideais de liberdade e autonomia da tradição de Kant, Hegel e Marx, a grande tradição filosófica alemã, que sempre norteou o seu trabalho filosófico, mas acontecida precisamente na mesma cultura, impôs-se-lhe como desafio incontornável. Sem deixar de considerar o pessimismo civilizacional expresso pela geração da Escola de Frankfurt anterior à sua, Habermas procurou responder-lhe. Para ele, o projeto do Iluminismo não estava morto. No núcleo do seu trabalho está a elaboração de uma teoria da democracia para o nosso tempo, bem como uma causa: mostrar que este projeto não é um projeto ingénuo. Esta causa esteve por trás de importantes polémicas teóricas que travou nos finais do século xx com filósofos franceses como Jean-François Lyotard ou Jacques Derrida e que podem ser hoje para nós tão significativas. Precisamente quando no pensamento francês a ideia de emancipação se tinha tornado *demodée*, Habermas não a deixou nunca cair. Falando a partir de uma (em parte) diferente tradição filosófica, John Rawls chamou-lhe ‘o mais importante pensador da democracia’ e a discussão entre os dois sobre conceções de democracia (deliberativa, procedimental, etc.) continua a ser um desafiador e produtivo ponto de entrada na filosofia política contemporânea.

O projeto ético-político emancipador de Habermas assenta numa visão da natureza da linguagem. Ele viu a competência comunicacional que possuímos como assinalando uma possibilidade de acordo subjacente a toda a interação humana. É na própria linguagem que aparecem, de uma perspetiva pragmática, as pretensões de validade que fazem trabalho ético e político na sua filosofia. Que a sua ética (discursiva, de linhagem kantiana) que conduz a uma teoria social e política da modernidade, uma teoria fundamentadora, racionalista e universalista esteja desta forma assente numa visão da linguagem e da comunicação torna particularmente interessante o facto de Habermas se ter servido de muita filosofia da linguagem, nomeadamente analítica, de uma forma por vezes frágil. Também por aí importa revisitá-lo.